

Revista Vernáculo, n° 28, 2º sem/2011

LIMA BARRETO, UMA VOZ NO ABISMO: NOTAS SOBRE A CONDIÇÃO AMBIVALENTE DE UM INTELLECTUAL MULATO.

Jules Ventura Silva¹

Resumo: Nesse trabalho pormo-nos a problematizar a existência de uma linha de cor que divide o mundo social em dois a partir da experiência social de um intelectual mulato. Lima Barreto (1881-1922) foi um escritor que imprimiu em suas obras as diversas dimensões do drama de ser um negro ou mulato no mundo dos brancos. Sua condição ambivalente é retratada em seus escritos da perspectiva do homem solitário que, ocupando um *não-lugar*, buscava atribuir um sentido a sua existência social. Destarte, seu dilema psicológico girou em torno do esforço de lidar com o impacto perverso do preconceito racial na formação de sua subjetividade; e de atribuir a esse aspecto trágico de sua experiência de mundo um caráter valorativo que salvaguardasse sua

¹Graduando em Ciência Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) com ênfase em Antropologia; bolsista de iniciação científica pelo Programa de Inclusão Social – Pesquisa e Extensão da Fundação Araucária de apoio a o desenvolvimento científico e tecnológico do paraná.(IC-FA); e membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná (NEAB-UFPR). O presente trabalho é uma versão revista e ampliada do artigo apresentado pelo autor na XIII Semana Acadêmica de Ciências Sociais da UFPR.

dignidade pessoal. A partir de seu exemplo buscaremos demonstrar como a linha de cor, ao incidir sobre a subjetividade das pessoas de cor, tem como efeito seu dilaceramento.

Palavras-chave: literatura; ambivalência; preconceito racial; identidade.

Abstract: In this work pormo us to question the existence of a color line that divides the social world into two from the social experience of an intellectual mulatto. Lima Barreto (1881-1922) was a writer who printed their works on the various dimensions of the drama of being a black or mulatto in the white world. His ambivalent condition is portrayed in his writings from the perspective of man solitary, occupying a non-place, sought to assign a meaning to their social existence. Thus, his psychological dilemma revolved around the effort to deal with the perverse impact of racial prejudice in the formation of subjectivity, and assigning the tragic aspect of his world experience evaluative character that would safeguard their personal dignity. From his example we will seek to demonstrate how the color line, to focus on the subjectivity of people of color, has the effect of torn apart.

Keywords: literature; ambivalence, racial prejudice; identity.

INTRODUÇÃO

“Há nessas almas, nesses homens assim alanceados, muito orgulho e sofrimento. Orgulho de sua superioridade intrínseca, comparada com os demais semelhantes que o cercam; e sofrimento por perceber que essa superioridade não se pode manifestar plenamente, completamente, pois há, para eles, nas sociedades democraticamente niveladas, limites tacitamente impostos e intransponíveis para sua expansão em qualquer sentido.”

Lima Barreto²

Afirmar que a hipótese da existência de uma linha de cor que divida o mundo social em dois, a dizer - o mundo dos negros e dos brancos, seja uma metáfora necessário para compreender a situação sócio-existencial do negro na modernidade é um truísmo. Cabe ao pesquisador investigar como essa linha de cor – compreendida enquanto um princípio de classificação e, por conseguinte, de hierarquização social cujo o conteúdo simbólico só pode ser definido a partir de uma análise contextual – configura as relações sociais em uma determinada sociedade; assim como, problematizar as consequências desse

² Trecho de um artigo de crítica literária do autor, onde o mesmo comenta o livro de Enéias Ferraz intitulado *História de João Crispim*. O livro escrito por esse que seria uma espécie de discípulo de Lima Barreto narra a história trágica de um mulato inspirado, segundo o biógrafo do escritor, na própria figura do Lima Barreto (BARBOSA, 1964). Sobre isso ler: LIMA BARRETO, A. H. *História de um mulato*. In: **Impressões de Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 92.

fenômeno para a determinação de destinos sociais. Nessa direção, é necessário problematizar o sentido histórico, político, social e cultural que adquiriu em determinado contexto e situação social remontando os dramas individuais e coletivos por ela engendrados. No presente trabalho buscamos realizar essa tarefa tendo como base a experiência social de um escritor que vivenciou o drama de ser um negro ou mulato no mundo dos brancos.

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) foi um escritor mulato que se entregou de corpo e alma ao ofício literário; compreendendo-o como a possibilidade de realização de uma tarefa duplamente redentora, a um só tempo, individual e coletiva: individual pelo fato de acreditar que por meio do reconhecimento do valor de sua literatura ele poderia superar sua condição de subalternidade; e coletiva, pois concebeu essa tarefa como exercício de uma forma de militância por meio da qual denunciava as injustiças sociais das quais era vítima e que atingiam também seus irmãos na mesma dor – leem-se pessoas de cor³. Contudo, apesar de tão grandiosas expectativas morreu sem ter em

³ Sobre a égide de Eduardo Flores, poeta suburbano que configura entre os personagens de *Clara dos Anjos* e espécie de máscara ficcional do escritor, Lima Barreto afirmava esse ideal que buscou em vida: “*Nasci pobre, nasci mulato, tive uma instrução rudimentar, sozinho completei-a conforme pude; dia e noite lia e relia versos e autores; dia e noite procurava na rudeza aparente das coisas buscando a ordem oculta que as ligava, o pensamento que as unia; o perfume à cor, o som aos*

vida a posição que almejava vitimado pelos desregramentos de sua vida boêmia, sozinho e sonhando com a possibilidade de que seus escritos pudessem encontrar, no futuro, leitores mais atenciosos do que aqueles com os quais cruzara em vida⁴.

anseios de mudez de minha alma; a luz à alegoria dos pássaros pela manhã; o crepúsculo ao ciclo melancólico das cigarras - tudo isto eu fiz com sacrifício de coisas mais proveitosas, não pensando em fortuna, em posição, em respeitabilidade. Humilharam-me, ridicularizaram-me, e eu, que sou homem de combate, tudo sofri resignadamente. Meu nome afinal soou, correu todo este Brasil ingrato e mesquinho; e eu fiquei cada vez mais pobre, a viver de uma aposentadoria miserável, com a cabeça cheia de imagens de ouro e a alma iluminada pela luz imaterial dos espaços celestes. O fulgor do meu ideal me cegou; a vida, quando não me fosse traduzida em poesia, aborrecia-me. Pairei sempre no ideal; e se este me rebaixou aos olhos dos homens, por não compreender certos atos desarticulados da minha existência; entretanto, elevou-me aos meus próprios, perante a minha consciência, porque cumpri o meu dever, executei a minha missão: fui poeta! Para isto, fiz todo o sacrifício. A Arte só ama a quem a ama inteiramente, só e unicamente; e eu precisava amá-la, porque ela representava, não só a minha Redenção, mas toda a dos meus irmãos, na mesma dor.”. BARRETO, Lima H. L. Clara dos Anjos (1922). Acervo digital da Fundação da Biblioteca Nacional. p. 47. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/claradosanjos.pdf> Acesso em: 18/08/2013.

⁴ Lima Barreto traçou uma trajetória marginal no campo literário não obtendo em vida o reconhecimento por seus pares do valor de sua produção literária. A crítica social presente nas suas obras, a linguagem próxima da comunicação oral que empregava nelas, o aspecto evidentemente biográfico de alguns dos seus escritos e a sua boêmia contribuíram incompatível com a postura de homem de letras tal como era esperado para época contribuíram para que seu talento, embora reconhecido, fosse diminuído. Sobre isso ler: MARTHA, A. A. P. *Leitura e Percepção Estética: Recordações do Escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto*. Espetáculo - Revista de Estudos Literários. Maringá, n. 18. 2001. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero18/limabar2.html>>. Acesso em: 29/05/2012.

Ao revisitar seus escritos propomo-nos a problematizar a sua condição ambivalente de mulato letrado remontando parte do drama por ele vivenciado enquanto um negro ou mulato no mundo dos brancos. Nesse sentido, abordaremos a questão da fragmentação do eu-barretiano que se deu enquanto efeito psicológico da fragmentação do mundo social hierarquizado por um eixo de poder que denominamos de linha de cor. Trata-se, dessa forma, de demonstrar, muito brevemente e a partir de uma visão processual, como a linha de cor que divide o mundo social em dois ao incidir sobre a subjetividade dos agentes sociais acaba por dilacera-los. A esse processo de dilaceramento denominamos aqui de fragmentação do eu e sua consequência direta é o esvaziamento do sentido da vida e, por conseguinte, o desenvolvimento de uma relação problemática com o mundo.

DESENVOLVIMENTO

Por ironia do destino, Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de Maio de 1881, tendo comemorado seu sétimo aniversário ao

MARTHA, A. A. P. Lima Barreto e a crítica (1900 a 1922): *A Conspiração do Silêncio*. Espetáculo - Revista de Estudos Literários. Maringá, n. 16. 2001. Disponível em <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero16/lbarreto.html>>. Acesso em: 29/05/2012.

lado de seu pai assistindo os festejos da abolição da escravatura que aconteceram no Largo do Paço Imperial. O sentimento que a assinatura da Lei Aurea provocou em uma população já acostumada com os discursos inflamados dos abolicionistas é de que não só penetrávamos em uma nova era, mas também que ela seria marcada pela completa liberdade. Contudo, sua biografia é um dos relatos mais contundentes de que esse sentimento não se enraizaria de tal modo na sociedade brasileira que essa permitiria a um mulato, como ele o era, de gozar das prerrogativas e privilégios sociais em pé de igualdade com as pessoas brancas de sua mesma situação social⁵.

Embora de origem humilde, Lima Barreto teve condições de acesso a uma educação elitizada em razão dos esforços paternos e também de seu apadrinhamento por um político importante da época. Como muitos pais de sua época, João Henriques não mediu esforços para que seu primogênito pudesse ter a chance de se tornar doutor de “sobrecasaca preta, cartola e anel no dedo”. Isso por que ele esperava que o filho pudesse gozar das prerrogativas e privilégios disponíveis aos portadores de um título, assim como do ar de sagrado que a cultura

⁵ O próprio escritor nos traz um relato interessante desse acontecimento histórico do qual foi testemunha ocular em uma crônica sua intitulado *Maio* publicado no jornal Gazeta da Tarde de 4 de maio de 1911 BARRETO, 1993, p. 313).

emprestava a esses símbolos de distinção social⁶. Nesse sentido, tratava-se de um projeto familiar de ascensão social por meio da educação cuja estratégia crucial foi garantir-lhe o apadrinhamento por uma personalidade política influente da época; no caso, por Afonso

⁶ De acordo com Freyre (2004), esse tipo social que é o “Doutor” emerge na vida política e social brasileira na segunda metade do séc. XIX em uma sociedade onde antes predominava a distinção entre senhor e escravo. Tratam-se dos profissionais liberais (engenheiros, médicos, advogados, etc.) que se distinguiriam das outras camadas sociais, dentre outras coisas, pelo seu grau de polidez cultural, pelo fato cultivar ideais modernizadores, falarem francês como segunda língua, por serem personagens da paisagem urbana e também por uma maneira de se vestir. Cartola, sobrecasaca preta, anel e bengala não só funcionavam como símbolos de distinção social, mas também funcionava como catalizadores das virtudes que lhe eram atribuídas como inteligência, elegância, honestidade, branquitude, sabedoria. Em uma coluna publicada na Revista Fon-Fon em finais de 1907, alias, revista para qual Lima Barreto havia também colaborado, um autor desconhecido assinava um texto intitulado *Lamentações De Uma Sobrecasaca*, onde ele ao feitichizar o objeto em questão, é capaz de ilustrar bem o significado cultural que ela nesses tempos havia adquirido: “Zombam de mim agora. Descobrem-me impropriedade higienicas e aspectos fúnebres. Entretanto, té poucos tempos passados, eu era o symbolo exacto da Consideração e do Respeito. E para a Sociedade eu já representava, menos um habito. Do que uma Força. Ter uma sobrecasaca preta era a posse plena de todas as Faculdades mentais e o preparo indispensável para as lutas da Vida. No quinto anno, pelas proximidades da formatura, eu já era o Desejo supremo e às vezes a ultima ambição. E tanto que, mal terminados os últimos exames, colocado, às pressas, ao dedo, o anel symbolico do mérito oficialmente declarado, era eu que me encarregava de impor á Consideração publica o valor indispensável do recém-formado. E era ajustado na nobreza do meu talhe, abafado na espessura da minha fazenda, que ele subia a escada do ministério prompto para a conquista das Posições e para o tirocínio da Vida.” X. LAMENTAÇÕES DE UMA SOBRECASACA: CARTA AO MEU AMIGO PEDRO COUTO. FON-FON, ABRIL, 1907, N. 002. p. 20-21.

Celso de Assis Figueiredo - o Visconde de Ouro Preto - de quem recebeu o primeiro nome em homenagem⁷.

De acordo com Nedeell (1993), o apadrinhamento era uma instituição por meio do qual a elite da *Belle Époque Tropical* inseria em seus círculos de sociabilidade, como extensão da família patriarcal, pessoas de origens humildes e que permitiu a muitos mulatos e até mesmo negros retintos alguma forma de ascensão social. No caso de Lima Barreto esse mecanismo social funcionou, ou melhor, foi acionado, quando esse, tendo concluído o curso primário, precisava dar continuidade aos estudos. Foi nessa ocasião que seu pai conseguiu com que Afonso Celso custeasse os estudos secundários do filho no Liceu de Niterói e, mais tarde, que contribuísse com uma quantia em dinheiro no valor de dez mil réis para que concluísse o curso de Engenharia Civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro; coisa que não faria em plena contrariedade as expectativas paternas e a fim de se entregar a carreira

⁷ No caso, João Henriques queria homenagear Afonso Celso em reconhecimento do auxílio que esse lhe prestou em tempos difíceis quando, por ocasião de seu casamento com Amália Augusta, ele foi acometido por uma crise nervosa. Entretanto, essa ação de homenagear o filho com o nome do padrinho e, mais especificamente, o convite para que assumisse esse papel, constituía num ato de transmissão dos laços de apadrinhamento. A estratégia era um meio de garantir ao menino os meios necessários para dar continuidade a sua educação e/ou, também cabe essa hipótese, conseguir uma ocupação devido a sua influência política tal como seu pai havia alcançado ao se tornar tipógrafo chefe da Imprensa Nacional e, mais tarde, almoxarife da Colônia de Alienados da Ilha do Governador. (BARBOSA, 1964).

de escritor. Seja como for, o fato importante aqui, é que o futuro escritor fazia parte de uma classe de homens de cor que ingressaram nos universos sociais brancos e que apostavam na possibilidade da assimilação. No trecho abaixo, sob a égide de um personagem disfarce, Lima Barreto descreve, de uma maneira que só a literatura é capaz de fazer, em que consistiam essas expectativas que povoariam seus sonhos durante toda a sua infância e puerícia.

“Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da *carta*, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro. [...] O flanco, que a minha pessoa na batalha da vida, oferecia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado...”⁸

⁸ O personagem em questão é Isaías Caminha protagonista do romance que leva seu nome. Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) Lima Barreto, sobre a égide de uma mascarada ficcional, realiza um movimento catártico onde recapitula de forma fragmentária, por assim dizer, as etapas de sua educação sentimental e intelectual. Uma delas diz respeito aos seus sonhos de infância quando tinha como horizonte indenitário tornar-se doutor e que representava a rigor um projeto de ascensão social por meio da educação. Esse sonho que povoaria seu imaginário não é, como tratara seu biógrafo, por exemplo, um desvio de percurso e/ou uma falsa consciência de seu destino. Muito pelo contrário, trava-se de uma expectativa socialmente produzida, cujo processo de inculcamento não cabe ser escrito aqui, profundamente enraizada na cultura. Além disso, é preciso ter em mente que um projeto de ascensão social não é, simplesmente, a busca interessada por determinados

O fato mais importante na trajetória social de Lima Barreto, em razão de suas consequências para o desenvolvimento posterior de sua personalidade, é que essas expectativas geradas em sua infância e adolescência relacionadas à conquista de um diploma não se concretizariam na, para usar as palavras de Bosi (2002), sua educação para a vida adulta. Isso por que, logo no momento em que elas se tornam mais palpáveis com seu ingresso no curso de Engenharia Civil da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em meados de 1897, ele se defrontaria com a questão do seu pertencimento étnico-racial e o que isso significava em termos de aceitação social. Mulato pobre e, portanto, portador de um estigma social, ele se descobriria em um ambiente hostil a sua sensibilidade de aluno inteligente e estudioso ao se defrontar com representações a respeito das pessoas de seu nascimento – leem-se pessoas de cor, tidas como naturalmente inferiores pela ciência do séc. XIX, e que, incidindo sobre ele, se chocariam profundamente com o seu sentimento de autoestima e importância⁹.

benefícios posicionais, mas, como observara Goffman (1999), trata-se de um desejo de ir de encontro ao centro sagrado de uma sociedade.

⁹ Estamos aqui adotando uma visão processual onde recusamos a concepção essencialista de negritude e/ou branquitude. Nesse sentido, afirmaremos inclusive que, no caso de Lima Barreto, na medida em que tinha como horizonte identitário ser

Com efeito, em diversos trechos de seus escritos encontramos relatos fragmentados dessa experiência trágica de mundo. Em todos eles o escritor buscou expor, sem reservas ou perífrases, os impactos perversos sobre sua subjetividade decorrente da sua exposição sistemática a situações de humilhação e constrangimento, envolvendo episódios de discriminação racial. Embora tenha se esforçado para se integrar ao mundo social ao qual desejava pertencer, a dizer, o mundo dos brancos cujo título funcionária como espécie de “passaporte”; ele sentia bem o peso de sua origem ao ouvir, por exemplo, pilhérias como a que um veterano lhe fez ao tomar conhecimento de seu nome: “Onde já se viu um mulato ter a audácia de ter o mesmo nome que o Rei de Portugal” (BARBOSA, 1964, p. 86). Esse, dentre outros tipos de colocação que parecem inocentes, simplesmente jocosas e, portanto, destituídas de grande maldade, na verdade, refletiam o preconceito de uma elite consciente dos seus prestígio e privilégios relacionados à

doutor, seu destino era ser branco. Protegido pelo sonho de realizar esse projeto original ele talvez tenha simplesmente diminuído o significado de ser negro ou mulato acreditando que o peso sua origem social não seria crucial para sua trajetória de ascensão. Só muito depois ele descobriria paulatinamente e de maneira dolorosa o peso de sua origem racial. E é apenas problematizando esse processo que podemos de fato perceber nele o surgimento de uma consciência étnico-racial ou, dito de outra forma, de um sentimento de etnicidade.

condição de branquitude, por vezes, apenas reivindicada¹⁰. Entretanto, seu significado profundo não escapava a sensibilidade de um jovem mulato que havia recebido o mesmo tipo de educação e que se supunha, por conseguinte, em condição de igualdade. Assim como Isaias Caminha, é possível que Lima Barreto tenha reagido a muitas dessas situações de maneira equiparável a de seu alterego quando esse fora chamado de forma desdenhosa por um delegado de *Mulatinho*:

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra

¹⁰ Cabe aqui lembrar que o grau de negritude ou branquitude de alguém não pode ser atribuído simplesmente pela coloração de sua pele; pois, como bem observara Goffman (1985), em seu estudo sobre a manipulação da identidade deteriorada, mas cuja a formula pode ser aplicada aos estudos sobre identidade em geral, não é de uma linguagem de atributos que precisamos mais de relações entre atributos. Há, nesse sentido, outro índices que são historicamente construídos como atributos relacionados a categorização das pessoas entre brancos e negros como, por exemplo, grau de escolaridade, papel social desempenhado pelo agente, ocupação dentro de uma estrutura econômica, hábitos corporal, origem familiar, posição econômica, filiação religiosa. Em uma sociedade estratificada por uma linha de cor, o agente social pode, tendo em vista determinados objetivos, manipular os índices que afetam a sua percepção pelos outros como, por exemplo, ocultar a sua origem social, vestir-se a moda de uma determinada classe ou grupo social, até mesmo, manipular o próprio corpo usando, caso deseja esconder sua origem étnico-racial, usar pó de arroz no rosto. No caso em questão temos de ter duas problemáticas em mente para começar a tecer a teia de significados que relacionam comportamentos em ambas as direções, a dizer: o peso social da atribuição de um pertencimento étnico racial a raça negra em uma sociedade recentemente egressa da escravidão, por um lado; e o desejo alimentado pela elite brasileira da Belle Époque Cariocas de se parecer branca segundo um modelo de branquitude norte europeu, civilizada e tudo o que isso significava em termos de adoção de formas de sociabilidade e práticas culturais.

do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se ajuntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada. (BARRETO, 2002, p. 59)

Entretanto, não obstante Lima Barreto tenha tido que lidar com as representações sociais vinculadas as pessoas de seu nascimento - produto histórico de um recente passado escravista - e que associava a cor à posição social ínfima (FERNANDES, 2008) ele ainda teria de defrontar-se com uma questão que lhe feria mais intimamente, por chocar-se diretamente com a representação que fazia de si mesmo, a dizer: com a ideia de que era, de forma irremediável, intelectualmente inferior às pessoas brancas e, além disso, estava fadado a sofrer um processo de degeneração física e mental. Tais ideias pertenciam ao imaginário difundido pela *intelligentsia brasileira* da virada do século XIX para o XX, que adotaram as chamadas teorias raciais como solo epistemológico cientificamente válido de explicação da realidade nacional e, mais especificamente, como fator explicativo do atraso do Brasil frente ao desenvolvimento tecnológico e cultural alcançado pelas sociedades norte-europeias.

Mulato ou negro, como queiram - diria em seu diário íntimo - ele tomaria contato com as preposições teóricas, por vezes, em sua versão vulgarizada, tais como as feitas pela Antropologia Física¹¹. Essa não só julgava o potencial intelectual de negros e mulatos, independente do seu grau de aculturação, inferior ao dos brancos, como afirmava que esses últimos, por conta de serem resultados da mistura perniciosa entre uma raça inferior e outra superior estavam fadados a degenerar-se. “Tem a capacidade mental, intelectual limitada; a ciência já demonstrou isso” dizia um senhor de anel no dedo em tom solene referindo-se diretamente a Augusto Machado. Em outro momento, o mesmo personagem, quando este refletia acerca do destino de Aleixo Manuel (menino pobre e negro que teria, sobre a tutela do padrinho,

¹¹ Em seus estudos sobre as possíveis relações entre mestiçagem, degenerescência e crime, Nina Rodrigues adepto da teoria poligenista, buscava através de um estudo de caso e de acordo com um método aparentemente rigoroso demonstrar a inviabilidade biológica e psicológica do mestiço questionando aquilo que considerava uma visão romântica. O autor que propunha um código penal diferenciado às populações que, devido às determinações biológicas, segundo ele, não eram perfeitamente senhoras de seus atos, desejando a construção de um sistema tutelar pelo estado, afirmava em seu estudo: “Um estudo minucioso e aprofundado dos mestiços de talento ou de grande inteligência seria instrutivo e útil a este respeito. Pelo menos é o que podemos concluir ao pouco que sabemos sobre nossos homens mestiços dotados de grandes capacidades. Os três Rebouças foram notáveis. Um deles foi médico e professor na Faculdade da Bahia; outro engenheiro, foi professor na Escola Politécnica do Rio de Janeiro; o terceiro foi eminente jurista. Eles são geralmente citados entre nós como sendo a negação mais formal da degeneração dos mestiços. Mas esquece-se muito facilmente que o médico foi atingido pela loucura e por ela morreu, e que o engenheiro morreu pós fim a seus dias recorrendo ao suicídio.” (CORRÊA, 2001, p. 132).

oportunidade de receber uma boa educação) nos oferece, em síntese, um relato do drama vivenciado pelo próprio escritor:

“ [...]Que seria dele por aí, pela vida? Sob a ascendência do padrinho, estudaria muito, aplicar-se-ia aos livros. Durante anos no ambiente falso dos colégios e escolas, a sua situação na vida não se lhe representaria perfeitamente. Viriam os anos e a ânsia que o estudo dá; viria o mundo social, com a sua trama de conceitos e preconceitos, justos e injustos, bons e maus – trama unida e espinhenta, contra a qual a sua lama se iria chocar. Era então a dor, as deliquescências, as loucas fugidas pela fantasia... Era doloroso peregrinar como o opróbrio à mostra, à vista de todos, sujeito à irrisão do condutor do bonde e do ministro plenipotenciário... Era sempre, nos cafés, nas ruas, nos teatros, andado vinte metros na frente um batedor que avisara a sua presença e fazia que se preparasse a malícias, os olhares vessos ou idiotas... Coitado! Nem o estudo lhe valeria nem os livros, nem o valor, porque, quando o olhassem, diriam lá para os infalíveis: aquilo lá pode saber nada!” (BARRETO, 1997, p. 74).

A consequência direta desse processo de discriminação que vitimou o futuro escritor foi, em termos de alteração da consciência, é a mudança profunda em relação a sua representação de si e, por conseguinte, do mundo. Se seus sonhos de infância e puerícia eram marcados pela expectativa de que, através da educação, poderia alcançar uma posição na qual gozaria do respeito e consideração de toda a gente; na sua educação para a vida adulta seria marcada pelo gradual e

doloroso reconhecimento de que a questão do seu pertencimento racial significava a existência de limites tácitos e intransponíveis para suas expectativas de assimilação.

Um episódio da vida de Lima Barreto narrado por seu colega de quarto em tempos de vida estudantil nos parece bem ilustrativo da alteração de sua percepção acerca de sua condição social. Uma noite, por falta de aula, Lima Barreto e seus colegas, dentre eles, Bastos Tigre e o próprio Nicolau Ciancio, resolveram ir ao Teatro Lírico. O objetivo era arrumar um jeito de entrar no referido teatro clandestinamente, e ir assistir o espetáculo proporcionado pela Companhia Italiana que a pouco chegava o rio e ensaiava a opera Aída. Todos haviam topado a “estudentada”, menos o futuro escritor que, a despeito da insistência dos colegas, seguiu rumo à pensão de Mademe Parisot onde dividia um quarto com Ciancio. Mais tarde, já de volta a pensão, este encontra com o amigo deitado e a ler um livro e o questiona o porquê não topara a empreitada. O dialogo, reproduzo na integra tal como fora reconstituído pelo próprio Ciancio:

“- Por que você não veio?

“- Para não ser prêso como um ladrão de galinha?

“- ?!

“- Sim, prêto que salta muros de noite só pode ser ladrão de galinha!

“- E nós, não saltamos?

“- Ah! Vocês, brancos, eram ‘rapazes da Politécnica’. Eram ‘acadêmicos’. Fizeram uma ‘estudantada’... Mas eu? Pobre de mim. Um pretinho. Era seguro logo pela polícia. Seria o único a ser prêso”. (apud. BARBOSA, p. 87-88).

Não cabe aqui, infelizmente, uma narrativa densa a respeito de como seu cotidiano devido ao contraste entre a imagem que fazia de si e aquela que era vinculada socialmente a respeito das pessoas de cor apresentar-lhe-ia como uma série de armadilhas. Cotidiano onde sua autoimagem – altamente positiva, iria defrontar-se de modo direto ou indireto¹² com o preconceito racial alimentado pelos ‘estabelecidos’,

¹² Cabe aqui uma explicação: entendemos por diretas aquelas atitudes discriminatórias que atingem diretamente o indivíduo em sua dignidade pessoal e isso pressupõe uma dimensão conflituosa das relações entre o eu e o outro; e, por indiretas, aquelas manifestações de preconceito que se referem a uma dimensão mais ampla onde estão em pauta as distinções entre Nós e Eles. Contudo, essa é só uma maneira teórica de explorar uma problemática que, na verdade, colocam as noções Eu/Ele e Nós/Eles de maneira intrinsecamente ligadas. Sobre isso ler: ELIAS, Nobert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994. Um exemplo de como manifestações indiretas de preconceito pode ferir igualmente um indivíduo independente de se nele, por assim dizer, tenha despertado uma consciência de pertencimento, no caso, étnico racial, parece pertinente: Apesar de se sentir muito diferente daquelas pessoas de quem seus colegas se referiam de modo pejorativo, o jovem mulato acadêmico de Engenharia Civil sentia bem o que este modo de se referir significava e isso o afetava. Em seu espírito, então, iam sendo suscitados sentimento ambíguos como, por exemplo, em relação a sua mãe, Amália Augusta, mulata e professora publica, morta em 1887, e responsável por iniciá-lo no mundo do abc. Assim os descrevem nas Recordações: Os ditos de Floc, as pilhérias de Losque, as sentenças do sábio Oliveira, tinham feito chegar a mim uma espécie de vergonha pelo meu nascimento, e esse vexame me veio diminuir em muito a amizade e a ternura com que sempre envolvi a sua lembrança. Sentia-me separado dela. Conquanto não

isto é, por aqueles tipos sociais que faziam parte da elite carioca da Belle Époque Tropical ou, dito de outra forma, que constituíam a massa de personagens pertencentes ao mundo dos brancos: estudantes, jornalistas, poetas, políticos, médicos, advogados, professores, burocratas, burgueses, etc., com quem passou a conviver efetivamente em sua vida estudantil.

Entretanto, o que temos de ter em vista é que esse choque seria responsável pela fragmentação do eu-barretiano e, portanto, encontra-se na origem de sua relação problemática com o mundo. Trata-se, nesse sentido, de um fato com consequências psicológicas profundas e que possui diversas facetas; em que o próprio autor relata em síntese no trecho abaixo recortado do mesmo romance, acima referido, e que é fruto de uma catarse afetiva:

Verifiquei que, até o curso secundário, as minhas manifestações, quaisquer, de inteligência e trabalho, de desejos e ambições, tinham sido recebidas, senão como

concordasse em ser ela a espécie de besta de carga e máquina de prazer que as sentenças daqueles idiotas a abrangiam no seu pensamento de lorpas, entretanto eu, seu filho, julgava-me a meus próprios olhos muito diverso dela, saído de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne. Ainda não tinham coordenado todos os elementos que mais tarde vieram encher-me de profundo desgosto e a minha inteligência e a minha sensibilidade não tinham ainda organizado bem e disposto convenientemente o grande stock de observações e de emoções que eu vinha fazendo e sentindo dia a dia. Vinham uma a uma, invadindo-me a personalidade insidiosamente para saturar-me mais tarde até ao aborrecimento e ao desgosto de viver. (BARRETO, 2002, p.78).

aplauso ou aprovação, ao menos como coisa justa e do meu direito; e que daí por diante, dêis que me dispus a tomar na vida o lugar que parecia ser de meu lugar ocupar, não sei que hostilidade encontrei, não sei que estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abatendo, decaindo de mim mesmo, sentindo furgir-me toda aquela soma de idéias e crenças que me alentara na minha adolescência e puerícia. Cri-me fora da minha sociedade, fora do agrupamento a que tacitamente eu concedia alguma coisa e que em troca me dava também alguma coisa. Não sei bem o que cri; mas achei tão cerrado o cipoal, tão intrincada a trama contra a qual me foi debater, que a representação da minha personalidade na minha consciência, se fez outra, ou antes esfacelou-se a que tinha construído. Fiquei como um grande pacote moderno cujos tubos da caldeira se houvesse rompido e deixado fugir o vapor que movia suas máquinas.(BARRETO, 2002, p. 19).

Embora a questão da existência de uma linha de cor esteja oculta na narrativa acima transcrita é ela que estrutura a trama contra a qual Lima Barreto iria se debater e que seria responsável por aquilo que Luckács (2000) chamaria de *perda do sentido transcendental da vida*. O abismo que se abriria sobre seus pés era, dito de modo menos metafórico, o abismo entre sua noção de eu que incorporara na juventude e aquela socialmente vinculada a respeito das pessoas de seu mesmo pertencimento étnico-racial, que se encontra na origem de sua relação problemática com o mundo social e, portanto, de seu individualismo. Com efeito, não se pode inferir a profundidade desse abismo sem ter em mente duas coisas: de um lado, as expectativas por

ele depositadas na esperança de que, com a conquista de um diploma, ele viria a fazer parte do mundo dos brancos e, por conseguinte, gozar dos privilégios da branquitude e, nesse sentido, seu destino era ser branco¹³; de outro, o reconhecimento da sua origem étnico-racial como um fator de impedimento da realização plena desse desejo de assimilação e, ligado a esse reconhecimento, a sua recusa em aceitar uma condição de subalternidade¹⁴.

¹³ Em um artigo intitulado *A superstição do Doutor* que, aliás, pode ser considerado quase um ensaio sociológico, Lima Barreto se propõe a discutir os privilégios conquistados ou reivindicados por aqueles que conseguiam um pergaminho. Nele encontramos um trecho onde o autor faz menção às qualidades de caráter atribuídas ao *doutor* entendido como um tipo social, coisas, aliás, que ele tenta desmistificar no decorrer de todo o texto, mas também como elas estavam relacionadas simbolicamente como atributos de branquitude: “*Para a massa total dos brasileiros, o doutor é mais inteligente do que outro qualquer, e só ele é inteligente; é mais sábio, embora esteja disposto a reconhecer que ele é, às vezes, analfabeto; é mais honesto apesar de tudo; é mais bonito, conquanto seja um Quasímodo; é branco, sendo mesmo da cor da noite; é muito honesto, mesmo que se reconheçam muitas velhacas dele; é mais digno; é mais leal e de algum modo em comunicação com a divindade.*” (BARRETO. 1993, p. 325).

¹⁴ Essa é uma das problemáticas mais ricas em complexas a respeito das relações entre a vida e a obra de Lima Barreto e refere-se a incapacidade do escritor em aceitar uma posição incompatível com aquela que almejava. No fim, ele gostaria simplesmente de gozar do respeito e consideração que as pessoas brancas de sua mesma situação social usufruíam e não podia aceitar nada menor. Em razão disso, não se submeteu aquilo que Fernandes (2008) chamaria de *disciplina humilhante* afim de, embotando seus sentimentos de revolta e aderindo a valores e práticas que lhe permitissem branquear-se, continuar sua trajetória de ascensão social pelo caminho traçado e em acordo com seu projeto original de tornar-se doutor. O abandono desse projeto e sua adesão ao ofício de escritor tem haver com essa busca pelo reconhecimento de seu valor intrínseco. Com efeito, não se pode compreender o que significava a sua afirmação “

O resultado do contraste entre a autoimagem incorporada por Lima Barreto em sua infância e adolescência com aquela com a qual defrontaria no decorrer de sua vida adulta seria responsável pela fragmentação do Eu-Barretiano. Processo que, infelizmente, não podemos narrar em sua complexidade aqui, mas que sopitaria nele sentimentos ambíguos, por vezes, contraditórios em duas direções: auto-afirmação e autodepreciação. O sentimento inalienável de sua dignidade pessoal, sistematicamente minado pela sua vitimização pelo preconceito racial, produzia nele uma convulsão de sentimentos que se alternavam uns aos outros quase que imediatamente. “É triste não ser branco” lamentou certa vez em seu diário íntimo ao ser o único a quem pediram o convite para um passeio de barcaça, em que se encontravam meninas aristocratas. Em outra anotação, depois de receber um cartão postal com a imagem de um macaco em referência a sua pessoa afirmava consigo mesmo “Desgosto, desgosto que me fará grande” (BARRETO, 1993, p. 26).

Queimei todos os meus navios por essa coisa de letras...Ou a literatura me mata ou me da o que peço dela” sem ter isso em mente, por um lado; e o esforço levado acabo pelo mesmo de transformar sua experiência trágica de mundo, marcada pela sua vitimização pelo preconceito racial, naquilo que o distinguiria como escritor, por outro. Por isso, a questão racial e o seu trato acentuadamente autobiográfico é a temática central de suas obras, ou melhor, o eixo estruturante sobre o qual todas as outras se articulam.

Ambiguidade que se materializou também um relação problemática com o mundo social que seria marcado por um forte individualismo. A ruptura do Eu-barretiano, ou ainda, com uma representação de si, com o mundo que foi o resultado direto do seu estranhamento produzindo processo de vitimização pelo preconceito de cor, resultou na fragmentação de sua noção de eu. A esse processo que denominamos de dilaceramento e que, somado a impossibilidade de encontrar um interlocutor habilitado a reconhecer seu drama em profundidade e, portanto, de compartilhar de suas angustias, revoltas e apreensões, foi responsável por suscitar nele uma tendência forte ao individualismo¹⁵. Embora, por conta da discriminação racial que sofreu, acabou por desenvolver uma forte empatia pelas pessoas de cor que com ele compartilhavam dessa experiência trágica de mundo; esse fato, no entanto, não poderia se traduzir em convivência com elas, pois

¹⁵ De acordo com Lucáks, é a incapacidade de se conformar com destinos socialmente estabelecidos, isto é, com os sentidos transcendentais disponíveis pela cultura que leva o herói da epopeia moderna que é romance tornar-se problemático. Essa inconformidade leva a uma ruptura decisiva do eu com o mundo levando o herói a buscar dentro de si o sentimento eminentemente transcendental da vida. E segundo o autor é essa busca que o leva a desenvolver um individualismo profundo, perigoso, mas, no entanto, possível de ser criativo. De qualquer essa ruptura abriu um abismo – complemento, pela ausência de sentido do duplo sentido, do significado e da direção, sobre os pés do herói que ao mergulhar nele pode elevar-se as mais altas alturas ou em direção as suas profundezas. (LUCÁKS, 2000).

sentia, a pesar de tudo, necessidade de conviver com aqueles que haviam passado pelo mesmo grau de refinamento cultural que o seu¹⁶.

A condição ambivalente de mulato letrado de Lima Barreto o levou a vivenciar uma condição de não-lugar por que, por um lato, se fora levado pela educação que recebeu a ter as expectativas de ascensão social igual à de seus colegas brancos, por outro, não podia gozar em pé de igualdade com eles dos prestígios e privilégios sociais em função de seu pertencimento racial. Essa condição problemática nos chega através de seus textos evidentemente autobiográficos ou não onde ele confessou de modo direto ou escondido atrás de máscaras ficcionais, as diversas dimensões do drama de ser um negro ou mulato no mundo dos brancos. Em uma passagem que encontramos em seu diário íntimo demonstra o quanto essa era uma questão central no que se refere a sua experiência de mundo, e o quanto tal fato contrastava com seu sentimento de dignidade; por vezes, depositado na esperança de que poderia transformar essa tragédia em algo de grande valor:

¹⁶ Em uma nota sem data de Seu diário do Hospício, Lima Barreto nos dá de forma reflete sobre sua condição de homem solitário: “O meu transporte forçado para outro meio que não o meu. A necessidade de convivência com os do meu espírito e educação. Estranheza. A minha ojeriza por aqueles meus companheiros que se anima a falar de coisas de letras e etc. O. J. P., que se anima a discutir comigo Zola e falar sobre edições, datas, etc. Entretanto, eu gostava dele. Ri-me mais que nunca quando, percebendo tudo isto, lembrei-me que me supunha um homem do povo e capaz lidar e conviver com o povo. Conclui que nem com ele, nem com ninguém.” (BARRETO, 1993, p. 1992).

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a cousa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. Eles, variada gente simples, insistem em tomar-me como tal, e nisso creio ver um formal desmentido ao professor Broca (de memória). Parece-me que esse homem afirma que a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia.

Por que então essa gente continua a me querer contínuo, por quê?

Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado como contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-à grande[...]. Quando me julgo – nada valho; quando me comparo, sou grande.

Enorme Consolo. (BARRETO, 1993, p. 26-27).

Embora tendo enfrentado o preconceito racial na Escola Politécnica e, de modo geral, na sociedade carioca; Lima Barreto encontrou uma válvula de escape para seu sentimento de frustração na Literatura. Foi ainda como aluno da referida instituição que o escritor começou a participar de iniciativas editoriais estudantis onde escreveu satirizou seus professores, dentre eles, Licínio Cardoso que o reprovava diversas vezes¹⁷. Essa experiência o levou, somada a indisposição em

¹⁷ Levado pelas mãos de Bastos Tigre, Lima Barreto se transformou no colaborador d'A *Lanterna – periódico de ciências, letras, artes, indústria e esportes* um

relação ao ambiente hostil, a renunciar o seu projeto o projeto original de se tornar doutor, em claro desacordo com as expectativas paternas, para buscar construir uma carreira como jornalista e escritor. Tal possibilidade tornou-se viável quando o mesmo ingressara, por meio de concurso público, como amanuense da Secretária de Guerra em 1903 encontrando, assim, uma pequena fonte de renda que lhe desse o mínimo de condições para não só seguir seu novo projeto, mas para enfrentar as condições adversas de sua vida surgidas com o adoecimento de seu pai em 1902¹⁸.

jornalzinho de estudantes fundado e dirigido por Júlio Pompeu de Castro e Albuquerque, aluno da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Nele passaria a assinar no lugar do amigo a coluna da Escola Politécnica sob o pseudônimo de Alfa Z e, posteriormente como Momento de Inercia, onde fazia caricaturas dos professores da referida instituição conquistando, por conta disso, certa notoriedade entre os estudantes. Licínio Cardoso, Lente de Matemática, foi um dos professores ao qual o jovem estudante não lhe poupou a caricatura por conta de suas reprovações (BARBOSA, 1964, p. 78-80).

¹⁸ Em uma passagem de seu diário íntimo registrada em meados de 1903, Lima Barreto começava a formular o seu projeto em um enunciado que, evidentemente, sugere a início de um processo de afirmação identitária, dizia ele: “Eu Sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade.” e mais adiante estabelecia como primeira regra de seu decálogo “Não ser mais aluno da Escola Politécnica” (BARRETO, 1993, p. 12) Em 1902, Lima Barreto, filho mais velho do casal João Henriques e Amália Augusta (morta em 1887), por conta do enlouquecimento do pai que até então era almoxarife na Colônia dos Alienados da Ilha do Governador, teve de assumir a chefia da família (BARBOSA, 1964, p. 99-112).

Seus escritos de caráter memorialístico e literários estão todos recheados das problemáticas geradas por esse posicionamento. De fato, encontramos principalmente no seu *Diário íntimo*, mas também, em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* - suas duas obras iniciais que foram, aliás, amplamente citadas acima - os esforço de, por intermédio mesmo da experimentação literária, de redefinir seu projeto intelectual¹⁹. Tal projeto foi concebido, depois de intenso debate interior, repleto de dilemas de toda ordem e que constituem o conteúdo lírico, reflexivo e filosófico que animam esses escritos, como uma forma de intervenção social por meio do ofício literário. O destino da Literatura, em sua opinião seria o de reformar consciências e ligar as almas aparentemente mais diferentes umas as outras pela dor de ser humano²⁰.

¹⁹ Há, na relação entre a vida e a obra de Lima Barreto, um ciclo de reflexividade continuo onde a vida parece alimentar a obra e essa, por sua vez, a vida por se transformar no meio a partir do qual o escritor significava e resinificava a sua existência. Em razão disso, seus personagens de caráter evidentemente autobiográficos como Isaías Caminha e Augusto Machado, por exemplo, ambos mulatos e autores fictícios de seus romances, encontram-se envolvidos com problemáticas relacionadas à consciência do social, da vitimização pelo preconceito racial, do problema de definir a natureza de seu projeto literário tendo questões típicas de alguém que intenciona dar um sentido político a sua produção literária.

²⁰ Em um texto redigido pelo autor e destina a uma conferência literária que não realizou, Lima Barreto definia, fazendo ampla referência a autores que lhe eram cânones (Tolstói, Guyau, Dostoiévski, Carlyle, Tayne, etc) a natureza de seu projeto literário, e nele podemos ver uma questão que estava muito relacionada à sua experiência enquanto portador de um estigma social, a dizer, a questão das aparências

Assim, unindo uma perspectiva particularista a outra universalista, Lima Barreto esperava superar a sua condição subalterna de mulato, pobre e funcionário público de baixo escalão; buscando tornar-se um grande escritor ao redigir obras, segundo acreditava, de valor universal. Fez isso lançando mão de sua própria experiência social e da consciência que ela lhe proporcionara para, apoiado em motivos literários e políticos, construir uma obra desigual que lhe proporcionasse o reconhecimento. Esperava, assim, transmutar a sua maldição em uma dádiva ao positivar a sua experiência trágica atendendo-a enquanto o que tornara possível o caráter individual e, portanto, único de sua literatura e, enquanto qualidade configuradora de sua identidade de escritor. Por isso a questão racial, em particular, e a crítica social, é uma questão central em seus escritos e nisso repousava

e da necessidade de superá-las: “Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino em nossa triste humanidade. [...] Portanto meus senhores, *quanto mais esse poder de associação for mais perfeito,; quanto mais compreenderemos os outros que nos parecem, à primeira vista, mais diferentes, mais intensa será a ligação entre os homens, e mais nos amaremos mutuamente, ganhando com isso a nossa inteligência, não só a coletiva como a individual.* A arte, tendo o poder de transmitir sentimentos e idéias, sob a forma de sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade.” (BARRETO, 1993, p. 393, grifo nosso).

a suas esperanças de, no sentido mais amplo da palavra, de reinserção social reestabelecendo, assim, uma relação harmoniosa com o mundo.

Contudo, essa seria o segundo choque que o levaria de vez para o abismo, mas isso é assunto para outro artigo. Basta, por agora, dizer apenas que Lima Barreto não logrou êxito em seu esforço de ser reconhecido como um grande escritor e que acabou por construir uma trajetória marginal no campo literário de seu tempo. Acontece que, com exceção da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, suas obras foram condenadas pela crítica literária seja pelo seu conteúdo autobiográfico, pelo caráter corrosivo de sua crítica social, ou ainda, pelo estilo e linguagem que empregados, mais próxima da linguagem oral e sem as pompas linguísticas encontradas nos autores imortalizados pela Academia Brasileira de Letras como um Coelho Neto, por exemplo.

Embora o escritor tenha lutado contra o que ele chamou *de má vontade dos mandarins da literária*, o fato é que buscou um paliativo no álcool para suportar mais essa grande desilusão. Tornou-se alcóolatra e, ainda que tenha buscado salvaguardar sua autoestima na construção de uma autoimagem, alias amplamente reconhecida, de escritor boêmio e marginal, procurou até o fim da vida o reconhecimento candidatando-se por três vezes a uma vaga na Academia Brasileira de Letras da qual só conseguiu uma menção

honrosa pelo livro *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. E aí veríamos mais uma vez esbarrar naquele princípio de classificação e, por conseguinte, de hierarquização social que chamamos de linha de cor, pois não se poderia aceitar que um mulato com sua fama de boêmio inveterado ocupasse uma posição na instituição mais importante de nossas letras nacionais.

CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi problematizar a existência de uma linha de cor que divide o mundo social em dois, a dizer, o mundo dos brancos e dos negros, tendo como base a experiência social de Lima Barreto (1881-1922). Para tanto, revisamos algumas obras do referido autor com a intenção de verificar de que maneira ele lidou com a sua condição ambivalente enquanto mulato letrado; e, mais especificamente, trazer à tona alguns aspectos do drama por ele vivenciado devido a sua condição ambivalente de mulato letrado. Desenvolvemos, assim, de maneira sintética, a questão da sóciogênese de sua relação problemática com o mundo (social) bem como de suas consequências psicológicas e para a trajetória do escritor.

Demonstramos que o fato de ter sido vítima de preconceito racial ou, dito de outra maneira, ter esbarrado naquele princípio de

classificação e hierarquização social que denominamos de linha de cor, Lima Barreto sofreu um processo de fragmentação do eu que teve consequências perversas na formação de sua subjetividade. Tratamos também por alto, do esforço levado a cabo pelo escritor em manter, a despeito dos imperativos sociais, o sentimento de autoestima e importância e de como essa luta está expressa em seus escritos de caráter literário ou não. Fizemos isso através de uma perspectiva processual em relação ao desenvolvimento da identidade social do escritor, e a partir de uma metodologia compreensiva onde se privilegia a busca pelo sentido atribuído pelo próprio indivíduo a sua experiência social.

Problematizar o drama vivenciado por esse escritor mulato que imprimiu como poucos a tragicidade da experiência de, por assim dizer, esbarrar na linha de cor; é lançar uma luz sobre o passado de nossa sociedade. Mais ainda, é trazer a tona à dimensão perversa das relações raciais tal como elas se configuram por essas terras e que muitos afirmam sentir na pele sem, no entanto, terem suas vozes ouvidas. Estamos, nesse sentido, falando não de uma opressão física que também existe, mas de sua versão sofisticada que toca no íntimo de homens e mulheres de cor e lhes inculcam sentimentos de vergonha, inadequação, inferioridade, revolta, angústia, desapego. E para lidar com questões

dessa natureza é necessário, além de ser sensível a elas, ter em mente um problema humano por excelência: o da dignidade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco Assis. *A Vida de Lima Barreto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- BARRETO, Afonso H. L. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BARRETTO, Afonso H. L. *Um Longo Sonho do Futuro*. Diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: GRAPHIA, 1993.
- BARRETO, A. H. L. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- BASTIDE, R.; FERNANDES, F. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Global Ed., 2008.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002. p. 186-208.
- CORRÊA, M. *As ilusões da Liberdade: A escola de Nina Rodriguês e a Antropologia no Brasil*. 2. ed. Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2001.
- ELIAS, Nobert; SCOTSON, Jhon L. *Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FREIRE, G. Ascensão do bacharel e do mulato. In: *Sobrados e Mucambos*. 15ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: ed. Vozes, 1985.

LUKÁCS, G. *A Teoria do Romance: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. 1. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ORTIZ, R. Da raça à cultura: a mestiçagem e o nacional. In: *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 36-44.